

Conclusão

A *Revista Civilização Brasileira* foi um veículo extremamente importante na expressão de idéias contrárias ao regime ditatorial imposto pelo Golpe de 64. Sua postura combativa reuniu diversos intelectuais de esquerda, com o compromisso da luta pela liberdade e pela justiça. Regida pelos princípios do livre pensamento e do não-sectarismo, abrigou em suas páginas representantes de diversos matizes de esquerda, sem se restringir ideologicamente. A única exigência era a de que todas as idéias ali expostas fossem orientadas, coerentemente, no sentido de condenar a situação política, econômica e social do Brasil que se vivia então. Em seus vinte e dois números, a *Revista* reúne artigos e matérias que fazem uma análise crítica de temas polêmicos e atuais, oferecendo ao público a possibilidade de abertura e de aprofundamento teórico. A cultura e a arte passavam por uma fase de grande efervescência, e isso se refletia nas páginas da RCB. Assim, pode-se dizer que ler a *Revista Civilização Brasileira* é como vasculhar um baú em que se guardam, intocadas, memórias de um passado que não acabou, pois que nos constitui ainda hoje como povo e como Nação.

A *Revista Civilização Brasileira* atuou na brecha que existia nos primeiros anos da ditadura militar, reunindo e organizando o pensamento intelectual de esquerda. Sua existência marcou a época, e faz parte da experiência dos que viveram aqueles anos. A Editora Civilização Brasileira, responsável por sua publicação, já era reconhecida desde antes do Golpe como um importante centro de divulgação de obras marxistas e revolucionárias, em todos os sentidos da palavra – exceto o que queriam por força lhe impor os militares da ‘Revolução de abril’. A linha editorial que a casa seguia é bastante significativa para a compreensão dos princípios que a norteavam. O peso que dava aos títulos das ciências sociais e da nova ficção nacional e internacional é uma mostra de sua orientação e de seus objetivos: a abertura e a renovação do mercado editorial brasileiro, a democratização do acesso à cultura, o incentivo à leitura, a crença no livro como objeto capaz de transformar o mundo. Ênio Silveira, dono da editora nos seus anos de maior importância e produtividade, foi preso inúmeras vezes durante a ditadura por sua postura franca e combativa, por sua coragem e

tenacidade na luta contra os desmandos do poder. É impossível dissociar sua figura da imagem da Civilização Brasileira.

A descrição das características gerais da *Revista* e, em mais detalhes, de algumas de suas principais matérias revela a coerência de sua linha editorial com a visão de mundo manifestada pela editora em outras publicações. Uma breve análise de conteúdo mostra que este seguia a orientação geral dos princípios e propósitos explicitados nos editoriais: abertura para idéias contrárias ao regime mas não alinhadas sob uma única ótica, amplitude temática e discussão de assuntos que pudessem contribuir para uma revisão dos rumos do país – políticos, sociais, econômicos – na tentativa de promover a superação das dificuldades históricas e contingenciais que impediam (e impedem) a igualdade e a justiça social.

Por fim, em uma análise mais detalhada da seção de literatura e crítica literária, destaca-se a importância da literatura na concepção de resistência intelectual expressa pela RCB. As características dos artigos literários corroboram a opção geral da *Revista*, sendo totalmente coerentes com seus princípios e propósitos: amplitude temática, liberdade de expressão, não-sectarismo etc.

Evidentemente, pela opção eminentemente descritiva que se fez neste trabalho e pelas limitações típicas de uma dissertação de mestrado, foi impossível examinar a fundo todos os textos que compõem a *Revista*, ou mesmo mencionar tudo o que mereceria ser lembrado. Além disso, essa viagem ao passado através das páginas da RCB é, necessariamente, envolta em motivações subjetivas, que passam igualmente pelo intelectual e pelo emocional, e que estão sujeitas, desse modo, a inúmeros desvios e turbulências no caminho. A opção por determinados artigos e autores em detrimento de outros não foi orientada por critérios objetivos, mas apenas pelo impacto causado por sua leitura. É claro que esse impacto está condicionado a diversas variáveis: o leitor, o momento, a intenção... Uma segunda leitura jamais será igual à primeira. É por isso que o que se propôs, mais do que esgotar o assunto em uma análise minuciosa de cada um dos elementos que compõem a *Revista*, foi a simples recuperação de uma parte importante do passado coletivo da Nação. A partir daí, está aberto o caminho para que novos leitores se debrucem sobre a coleção desses volumes e descubram novos rumos, novas possibilidades interpretativas, novas sutilezas. Não se fez aqui uma análise do discurso ou um estudo estilístico. Tampouco o olhar que orientou esta leitura

foi o do historiador preocupado em determinar fatos e datas precisas. O caminho percorrido, como já se disse, é inegavelmente subjetivo. Não poderia ser de outra forma.

A conclusão, coerente com os princípios da *Revista*, é aberta e convida a novas reflexões. O que fica evidente, depois de concluída a pesquisa, é o quanto ainda há a pesquisar. E mais: o quão atuais são os temas discutidos nos vinte e dois números da RCB, o quanto ainda pode deles ser aproveitado, o quanto ainda pode ser extraído como lições de coragem e ousadia, de coerência e dignidade, de ética e de compromisso com as causas coletivas. Essas lições, em um tempo como o de hoje, em que reinam a individualidade e o egoísmo, a omissão e a apatia, a cumplicidade com as injustiças e a desonestidade, são mais do que apenas ecos de um passado histórico: são chaves que apontam para a possibilidade de um futuro mais justo e menos desigual, baseado no respeito e na tolerância entre os seres humanos.